HERBICIDAS EM ARROZ DE SEQUEIRO (*Oryza sativa* L.)

Ricardo Victoria Filho (1)
José Borges de Carvalho (2)

A cultura do arroz de sequeiro é bastante difundida no Estado de São Paulo, cobrindo ampla faixa geográfica. As plantas daninhas causam prejuízos não só pela competição com a cultura, mas também por interferir dificultando em muito as operações de colheita e pela produção de semente de difícil separação do arroz.

O controle dessas plantas daninhas limita-se quase que aos trabalhos mecânicos ou a enxada. Todavia, atualmente devido à dificuldade crescente na obtenção de mão de obra fácil e a baixo custo, os herbicidas deverão provavelmente serem introduzidos nessa cultura.

Com o objetivo de verificar o comportamento do controle químico foi conduzido o presente ensaio num solo argiloso (45% de argila), utilizando-se a variedade Pratao precoce, que foi plantado no dia 23 de outubro de 1973.

O delineamento experimental adotado foi o de blocos ao acaso, com 14 tratamentos e 5 repetições. As parcelas constavam de 10 linhas de cinco metros de comprimento, espaçadas de 0,60 m. A aplicação foi realizada com pulverizador a pressão constante (CO₂) através de uma barra dotada de três bicos em leque 8002.

Foram utilizados os seguintes herbicidas com respectivas doses em ingrediente ativo por hectare: AC 92.553 a 0,75, 1,00 e 1,50 kg; AC 92390 a 1,00, 2,00 e 3,00 kg; Butachlor (Machete) a 2,05 kg; Bentiocarbi (Saturn) a 4,5 kg; oxadiazon (Ronstar) a 1,0 kg; propanil (Stam F-34) a 4,32 kg; propanil (Stam F-34) + 2,4D amina a 3,68+0,36 kg e propanil (Stam F-34) + paration metílico (Folidol) a 1,98kg+0,24kg. Os herbicidas AC 92.553, AC 92.390, Butachlor, Bentiocarbi e oxadiazon foram aplicados em pré-emergência à cultura e às plantas daninhas. Já o propanil sozinho e em misturas com 2,4D e paration metílico foram aplicados em pós-emergência à cultura e às plantas daninhas no dia 21 de novembro de 1973 (cerca de 29 dias após o plantio).

A avaliação do controle das plantas daninhas foi realizada através de uma contagem por espécie botânica numa área de 1,6 m² por parcela (16 amostras de 0,1 m²) aos 36 dias após o plantio, e também uma avaliação visual através da escala de valores adotada pelo EVRC de 1 a 9, sendo 1 controle total de ervas e fitotoxicidade nula e 9 sem controle e fitotoxicidade total (destruição completa).

As plantas daninhas que ocorrem com maior abundância foram: carrapicho de carneiro (*Acanthospermum hispidum* D.C.), traçoereta (*Conelina* sp), falsa dormideira (*Cassia patellaria*), anileira (*Indigofera hirsuta* L.), rapim carrapicho (*Cenchrus equinatus* L.), almeirão (*Portulaca oleraceae* L.) e guanxuma (*sida* sp). Dentre es-

...

(1) Professor Assistente da disciplina de Herbicidas e Plantas Daninhas da Fac. de Medicina Vet. e Agronomia de Jabotirabal, SP.

(2) Estagiário do Dep. de Def. Fitossanitária da F.N.V.A.J.

X SEMINÁRIO BRASILEIRO DE HERBICIDAS E ERVAS DANINHAS

Santa Maria — RS — 16 a 19 de Julho de 1974

tas, o carrapicho de carneiro e a falsa dormideira foram as mais abundantes. O carrapicho de carneiro só foi bem controlado com os herbicidas de pós-emergência propanil sozinho e em misturas com 2,4D ou paration metílico. Já a falsa dormideira foi bem controlada somente pelo butachlor e oxadiazon.

Quanto a avaliação visual, as melhores notas para controle foram para os herbicidas de pós-emergência; todavia, o tratamento propanil+paration metílico atingiu fitotoxicidade quase forte (nota 5,8 como média na escala ERWC).

A análise estatística da produção de grãos foi significativa a 1% de probabilidade com todos os tratamentos diferindo da testemunha não capinada. Não houve diferença significativa entre os tratamentos. Os tratamentos em pré-emergência necessitaram serem capinados aos 36 dias após plantio, devido ao baixo controle do carrapicho de carneiro. Já os de pós-emergência foram capinados aos 54 dias devido ao baixo controle da trapoeraba. A testemunha capinada recebeu duas capinas.